

**ROMANTISMO, UTOPIA E REVOLUÇÃO:
uma análise teórica do conceito de utopia no momento de pandemia**

**ROMANTICISM, UTOPIA AND REVOLUTION:
a theoretical analysis of the utopia concept in pandemic times**

Maurício Brugnaro Júnior¹

RESUMO

O foco desta pesquisa baseia-se na reflexão ao redor do conceito de *utopia*, entendendo a utilização do termo, como ele é concebido ao longo dos séculos e aplicado até o momento. Será realizado um retorno para as formulações teóricas e questionar suas aplicações e falhas até a atualidade. Será analisada a ideia e o conceito de Romantismo como movimento cultural, indo além da ideia de uma escola literária com datas de início e fim delimitadas, usando por base diversos pesquisadores e fazendo uso de um aparato marxista, isto é, serão compreendidas através de forças culturais e político-sociais como uma espécie de impulsionadores da sociedade e relacionando-o a utopia. Ou seja, *utopia* entendida como um momento de um processo dialético de transformação social, este em que o Romantismo possui elementos libertários e revolucionários específicos gerados por determinações históricas que corroboram com tal dialética. A metodologia utilizada foi de caráter bibliográfico, buscando em artigos e livros de relevância para o tema o arcabouço necessário para estruturar o debate e a formulação da teoria aqui defendida. Será estudado o movimento estudantil francês de maio de 1968 e como ele abriga e incorpora os elementos Românticos e utópicos nas suas lutas e reivindicações. Como um dos elementos centrais do processo dialético, é empregado o conceito catártico de *arte* no desenvolvimento utópico e revolucionário. Após compreendido e relacionados os temas centrais da discussão, esses temas serão aplicados ao movimento dialético e histórico para possibilitar a próxima etapa do processo, a revolução enquanto ação, rompendo com o *modus operandi* do sistema social vigente, seja na sua produção ou sua reprodução. Enfim, é explícito o rompimento com as ideias dominantes sobre utopia até o momento, é uma nova visão teórica para a prática, utopia não se concretiza na realidade imediata, mas é parte de um processo revolucionário.

Palavras-chave: Sociologia. Romantismo. Utopia. Revolução. Arte.

ABSTRACT

The focus of this research is based on the reflection around the concept of *utopia*, understanding the use of the term, how it is conceived over the centuries and applied until now. There will be a return to theoretical formulations and questioning their applications and failures to date. The idea and concept of Romanticism as a cultural movement will be analyzed, going beyond the idea of a literary school with delimited start and end dates, based on several researchers and making use of a Marxist apparatus, that is, they will be understood through forces cultural and political-social as a kind of promoters of society and relating it to utopia. That is, *utopia* understood as a moment of a dialectical process of social transformation, in which Romanticism has specific libertarian and revolutionary

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: m222423@dac.unicamp.br

elements generated by historical determinations that corroborate such dialectic. The methodology used was bibliographical, seeking in articles and books relevant to the theme the necessary framework to structure the debate and the formulation of the theory defended here. The French student movement of May 1968 will be studied and how it shelters and incorporates Romantic and utopian elements in its struggles and demands. As one of the central elements of the dialectical process, the cathartic concept of *art* is employed in the utopian and revolutionary development. After understanding and relating the central themes of the discussion, these themes will be applied to the dialectical and historical movement to enable the next stage of the process, the revolution as action, breaking with the *modus operandi* of the current social system, whether in its production or its reproduction. Finally, the break with the dominant ideas about utopia so far is explicit, it is a new theoretical vision for practice, utopia does not materialize in immediate reality, but is part of a revolutionary process.

Key words: Sociology. Romanticism. Utopia. Revolution. Art.

1 INTRODUÇÃO

O tema deste estudo surge diante de conceitos sociológicos e filosóficos fundamentais em tempos da pandemia causada pelo COVID-19, possibilitada e agravada pelo sistema político, econômico e social vigente na atualidade, o processo de produção capitalista e neoliberal. O conceito de “utopia” será compreendido num movimento dialético com a realidade, a uma práxis da realidade. Os temas aqui tratados serão, em grande parte, retratados através de um recorte dos tipos ideais weberianos e do recorte da realidade, pois as ciências sociais dizem respeito ao factual, e como Weber (1864-1920) diz:

Assim, todo o conhecimento reflexivo da realidade infinita realizado pelo espírito humano finito baseia-se na premissa tácita de que apenas um fragmento limitado dessa realidade poderá constituir de cada vez o objeto da compreensão científica, e de que só ele será “essencial” no sentido de “digno de ser conhecido” (WEBER, 2003, p. 88).

Desse modo, os temas tratados serão como fragmentos da realidade, sendo dignos de serem reconhecidos através de uma posição humilde do pesquisador, que reconhece a realidade como um campo ou espectro demasiado grande para se compreender totalmente. Num movimento dialético, aqui é concebida a ideia de “utopia” – em pensamento, um estado mental –, a partir disso, ela se transfigura em revolução – uma ação, uma prática – e retorna à sua identidade, diferente de sua forma inicial, porém concreta na realidade. Isso é aplicável através da ideia de tese, antítese e o retorno. O que não implica que a aplicação real seja como a ideia utópica concebida *a priori*, mas a utopia assume o papel de um método para ação.

Utopia consiste no pensamento, e a revolução consiste na ação. Com isso, afastando-se de ideias projetadas nas reflexões de pensadores anteriores, como Thomas More (1478-1535), autor do célebre livro *Utopia* (1516), o qual descreve a ilha de Utopia como uma república imaginária num diálogo com seu amigo viajante, contrastando com a realidade europeia do século XVI.

Para mais além na história, chega-se a Marx e Engels, que buscam se distanciar do conceito de utopia por fazer prevalecer a ideia de socialismo científico contra o socialismo utópico, como o de Robert Owen ou Conde de Saint-Simon. O socialismo científico, como o próprio nome induz, é baseado em uma análise científica e crítica do sistema capitalista, é fortemente associado a Marx, e encontra nesse autor, em *O capital* (1867), um exemplo emblemático desse período; é, assim, uma teoria política, social e econômica. Possui como objetivo a transformação da sociedade a partir de seu método analítico nas relações sociais, políticas e econômicas. Por outro lado, o socialismo utópico é a corrente do socialismo que surge antes da teoria científica, apresenta visões idealizadas ou futuristas que visam a superação da sociedade capitalista de sua época sem que esta passasse pela luta entre as classes antagônicas. Por tal motivo, o termo era utilizado de forma pejorativa pelos socialistas marxistas. Com isso, Engels pôde concluir que o socialismo científico tornaria superado o socialismo utópico, e assim as utopias desapareceriam e seriam esquecidas na lata de lixo da história.

Utopia e revolução não estão ou são tão distantes como se acredita vulgarmente, e, embora aparente, utopia só habita o mundo onírico e surreal enquanto não tem o elemento da ação. E esse elemento é a força humana em revolta. A chave é a mudança, o rompimento e a transformação com o modelo anterior.

Reconhece-se a burocratização e o “progresso” como elementos da modernidade, assim como Weber propôs, ocorre um “desencantamento do mundo”, uma secularização, uma sistematização burocrática. A utopia age contra esse processo, e através do elemento do Romantismo,² contra a burocratização moderna e capitalista, ou seja, é o contra o processo de desencantamento, em outras palavras, é quase que um reencantamento do mundo como um movimento antimodernidade do progresso industrial. O regresso ao conceito de utopia em épocas tão desencantadas e sócio desigual, é originada pelo fato de que o mundo atual é inaceitável, sendo de urgência a construção de um mundo novo, condizendo com parâmetros de ética e ao humanismo que a história construiu, em momentos

² Romantismo aqui compreendido como forma cultural, isto é, uma forma de estar e agir no mundo em uma determinada época na qual se compartilham símbolos, significados e valores de uma sociedade ou grupo, aqui compreendido como teorias e práticas que vão contra o “progresso” da racionalização burocrática do mundo.

de crise estruturais do capitalismo – a atual crise do COVID-19 – um momento de transformação e de novas estruturas sociais.

Esse retorno da questão utópica, se de fato existe, é causado pela universal constatação de que o mundo atual se tornou intolerável e as desigualdades atingiram níveis catastróficos. Se perguntar em como construir então um novo que condiz com a ética e com o Humanismo, é mostrar a necessidade do pensamento utópico para a realidade de qualquer época, com urgência em momentos de crise.

2 UTOPIA E DISTOPIA ENQUANTO INSTRUMENTOS FILOSÓFICO E METODOLÓGICO

Cabe, primeiramente, expor o conceito de utopia e suas aplicações. O estudo presente parte do conceito, conforme o dicionário Larousse:

(Do grego *ou*, não + *topos*, lugar) 1. País imaginário onde um povo, subordinado a um governo justo e igualitário, leva uma vida equilibrada e feliz – 2. P. ext. Concepção imaginária de um governo ideal. – 3. P. ext. Projeto de realização impossível; quimera; fantasia. (LAROUSSE, 1999, p. 900)

E do conceito – do qual o dicionário também se baseia – de Thomas More, autor inglês que escreveu e cunhou o termo em 1516 no livro homônimo, como supracitado, num diálogo no qual seu amigo Rafael conta-lhe de suas viagens e de sua passagem pela ilha de Utopia, apresentando ao jurista um governo democrático idealizado como realidade. A ilha seria governada por um extremo racionalismo e, ainda assim, útil e que coloca a felicidade dos habitantes em primeiro lugar, esses habitantes desprovidos de motivos corruptíveis e em consonância contínua. O livro cobre temas fundamentais para o debate governamental, como guerra, poder, economia e colonização.

Esta parte da seção mostra como o debate ocorre na tênue linha entre utopia e distopia. A tenacidade dá-se, pois, por embargar o não dito utópico, isso é, o considerando já aplicado no plano da realidade e separando-o em dois momentos: o primeiro referente ao livro, o qual consiste em uma sociedade e um governo, ambos utópicos, porém, sustentado ainda por um sistema escravocrata – dado o momento de expansão marítima e colonização –; e num outro que propõe a ideia da total previsão das ações humanas por parte do Estado, já as efetivando ou negando. É uma face oculta da ideia de utopia, até uma fetichização ao ocultar as relações sociais do sistema, se é que assim podem

ser consideradas. Há desse modo, uma filtragem governamental, uma filtragem das relações e ações humanas, acumulando-as no arcabouço da distopia, “ela é a essência humana tornada resíduo, o indivíduo humano aniquilado pelo Estado completamente racional” (BERRIEL, 2017, p. 56). Assim, utopia e distopia são intimamente intrínsecas, coexistindo no limite de rompimento do filtro desumano e governamental, mediados pela realidade do progresso e organizacional da burocracia extremamente racional, sua imagem “é o exílio da humanidade, tornada supérflua pela razão enlouquecida” (*ibid*, p. 56). Enquanto no cinema, distopia é tratada como uma exacerbação da realidade catastrófica, ela pode ser concebida pelo excesso de burocratização utópica causada pelo sistema hegemônico atual, motivando o progresso e a exploração. Aparentemente, pode-se parecer um caminho direcionado à distopia, um passado pela utopia momentânea, outro a tragédia já aplicada, porém, esse pensamento binário só é reconhecido enquanto o conceito original de “utopia” é um conceito aplicado a realidade, além de não mostrar desenvolvimentos ou processos de acontecimentos que possibilitariam tal feito.

3 DA UTOPIA AO ROMANTISMO COMO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO

Esta seção destina-se a elaborar e desenvolver o conceito de Romantismo, indo além do conceito comumente propagado de escola literária do final do século XVIII e durante o século XIX. Como já exposto, os conceitos serão tratados como tipos ideais weberianos, isso é, exaltadas determinadas características para possibilitar tipos puros passíveis de se tornarem objeto de estudo e análise, indo da direita à esquerda no espectro político. O dilema do Romantismo é para além da escola literária ou movimento artístico europeu, mas sim como um modo de cultura persistente desde sua origem até a atualidade. Sendo possível dizer que Jean-Jacques Rousseau como o primeiro romântico, seguindo a linha proposta. Após estar estabelecido o método de tipos puros, pode-se identificar os seguintes tipos de Romantismo e algumas subdivisões, como os restitutionista, conservativo, fascista, reformista, revolucionário e/ou utópico, subdividido entre marxista, populista, entre outros (LÖWY; SAYRE, 2001, p.58). O conceito de Romantismo é contraditório (*ibid.*, p.1):

its fabulously contradictory character, its nature as *coincidentia oppositorum*: simultaneously (or alternately) revolutionary and counterrevolutionary, individualistic and communitarian, cosmopolitan and nationalistic, realist and fantastic, retrograde and utopian, rebellious and

melancholic, democratic and aristocratic, activist and contemplative, republican and monarchist, red and white, mystical and sensual.³

O conceito de Romantismo cobre um aspecto antimodernidade, valorizando a comunidade e a individualidade, o passado pré-capitalista, a busca pelo *locus amoenus* do campo, a sociedade pré-industrial e, para algumas vertentes, um futuro que seja possível retomar tais valores nostálgicos soterrados pela modernidade, e é nesse momento que assume diversas formas, relacionando para a direita e a esquerda do espectro político-social.

Pela ampla gama apresentada, torna-se perceptível ser ambíguo, contraditório, e até de um caráter hermafrodita, porém, o fundamental é que faz dessa visão de mundo muito diversa, e também possível. Além disso, como já se tornou claro, devido ao objeto se tratar de um fragmento selecionado da realidade, o tema tratado será o Romantismo utópico e revolucionário, não cabendo espaço para o desenvolvimento dos outros, e nem por isso limitando-os, mas merecendo pesquisas além em outros ensaios e dissertações.

Dentre as diversas correntes do Romantismo, a corrente revolucionária e/ou utópica rejeita a pura ilusão do simples retorno às comunidades orgânicas – em oposto a mecanizada da modernidade – do passado, aceitando a burguesia e as reformas, como fazem algumas correntes do Romantismo. Busca, sim, a abolição do capitalismo e do sistema de produção moderno, é, deste modo, contra a modernidade. Porém a dimensão Romântica foi deixada de lado pela corrente marxista atuante na Segunda e na Terceira Internacional Comunista (fortemente marcadas pelo evolucionismo, pelo positivismo e o Fordismo) (*ibid*, p. 82). Os elementos que distinguem e aproximam de outras correntes socialistas ou revolucionárias da sensibilidade romântica é o caráter essencial da luta de classes, emancipação do proletário, entre outras. A crítica é que o Romantismo, enquanto assume a face revolucionária e utópica, busca a libertação, e com essa busca assume o caráter moderno libertário, porém é um encantamento enquanto rompimento com o modelo de produção capitalista e, também, moderno.

Para melhor compreender o conceito de Romantismo no campo de ação revolucionária, cabe a inserção do conceito de liberdade, principalmente pela análise feita pelo pesquisador e professor Jorge Coli, sobre a “liberdade” na obra de Eugène Delacroix, *La Liberté guidant le peuple*⁴, o qual retoma incorporando elementos antigos e atuais, eruditos e populares, com isso, retoma a história recente da liberdade como aspiração política (COLI, 2019, p.22). Além disso, para o autor da análise:

³ Tradução própria do inglês ao português: é de caráter fabulosamente contraditório, sua natureza como *coincidentia oppositorum*: simultaneamente (ou alternadamente) revolucionário e contrarrevolucionário, individualista e comunitário, cosmopolita e nacionalista, realista e fantástico, retrógrado e utópico, rebelde e melancólico, democrático e aristocrático, ativista e contemplativo, republicano e monarquista, vermelho e branco, místico e sensorial.

⁴ Tradução própria do francês ao português: A Liberdade guiando o povo.

La Libertad es, naturalmente, una alegoría poco frecuente en el antiguo Régimen. Mucho menos presente, por ejemplo, que la verdad, que afirma la fe auténtica y el poder legítimo. Pero forma parte, sin embargo, del diccionario de Ripa. Se trata de la Libertad clásica, filosófica, que reposa sobre el dominio de sí, sobre la idea que el hombre sólo es libre cuando domina sus pasiones, los movimientos de su alma.⁵

Percebe-se o caráter romântico e libertário de uma força revolucionária rompendo com o regime anterior, essa força de ação e dominação humana, e popular que seria permanente no romantismo até a atualidade, é buscada na revolução com o rompimento brutal e presente na realidade. Outra passagem da brutalidade realista que nutre o romantismo francês pode ser percebida na passagem de *Les Misérables*⁶ (*ibid.*, p. 37):

Esto parece contradictorio, pero no lo es. Si se toma, por ejemplo, a Victor Hugo —su universo es del mismo tipo—. *El hombre que ríe* es un ser que fue cruelmente —y horriblemente— mutilado. Hay un pasaje de *Los Miserables* que describe como Fantine, bella mujer en la miseria, comienza vendiendo sus cabellos para alimentar a su hija Cosette y luego se arranca los dientes, también para venderlos. Victor Hugo la describe en la cama, con la boca sangrante y desdentada. El pasaje se encuentra en el capítulo X del quinto libro de la primera parte de *Los Miserables*. Es un momento ilustrativo: “En même temps elle sourit. La chandelle éclairait son visage. C’était un sourire sanglant. Une salive rougeâtre lui souillait le coin des lèvres, et elle avait un trou noir dans la bouche”. De igual manera Géricault, de ningún modo un pintor literario o del imaginario, se inserta en ese mismo espíritu “sádico”, de violencia y brutalidad, que caracteriza tanto al romanticismo francés. El mundo y el imaginario se igualan ante este principio de crueldad.⁷

Além disso, Lukács, em 1919, (LÖWY; SAYRE, p. 106):

Starting from the Hegelian distinction between the objective spirit (social relations, law, the state) and the absolute spirit (philosophy, art, religion), he notes that precapitalist societies are characterized by the determining role of the absolute spirit: for example, religion in the era of early Christianity. In the capitalist era, in contrast, all the active social forces exist only as manifestations of the objective spirit (which is itself determined by the economic base): religion becomes a social institution—the church—comparable to the state, the army, or the university. Socialism will inaugurate a period in which once again the absolute spirit—that is, philosophy, culture, and science—will reign over economic and social life.⁸

⁵ Tradução própria do espanhol ao português: A liberdade é, naturalmente, uma alegoria pouco frequente no antigo regime. Muito menos presente, por exemplo, do que a verdade, que afirma a fé autêntica e o poder legítimo. Mas faz parte do dicionário de Ripa. Trata-se da liberdade clássica e filosófica, que se baseia no domínio de si, sobre a ideia de que o homem só é livre quando domina suas paixões, os movimentos de sua alma.

⁶ Tradução própria do francês ao português: Os Miseráveis. Obra escrita por Victor Hugo e publicada em 1862.

⁷ Tradução própria do espanhol ao português: Isso parece contraditório, mas não é. Se você pegar, por exemplo, Victor Hugo - o universo dele é do mesmo tipo. O homem rindo é um ser que foi cruelmente – e horrivelmente – mutilado. Há uma passagem de Os Miseráveis que descreve como Fantine, uma linda mulher na miséria, começa vendendo seus cabelos para alimentar a filha Cosette e depois arranca os dentes, também para vendê-los. Victor Hugo a descreve na cama, a boca sangrando e sem dentes. A passagem é encontrada no capítulo X do quinto livro da primeira parte de Os Miseráveis. É um momento ilustrativo: “Ao mesmo tempo, ela sorri. A vela iluminou seu rosto. Foi um sorriso sangrento. Uma saliva avermelhada lembra a moeda dos lábios, e ela tinha um buraco negro na boca”. Do mesmo modo, Géricault, de modo algum um pintor literário ou imaginário, está inserido no mesmo espírito “sádico”, de violência e brutalidade, que caracteriza o romantismo francês. O mundo e o imaginário se igualam diante deste princípio de crueldade.

⁸ Tradução própria do inglês ao português: Partindo da distinção hegeliana entre o espírito objetivo (relações sociais, lei, estado) e o espírito absoluto (filosofia, arte, religião), ele observa que as sociedades pré-capitalistas são caracterizadas

Desse modo, é possível concluir que no romantismo – em especial o francês analisado, mas como outros também –, a liberdade acontece na luta com os defensores, com o povo, está misturado à luta popular, o combate das ruas toma uma corporalidade, ou seja, as batalhas urbanas nutrem a liberdade. Havendo contrastes, segundo Lukács, a partir de uma distinção hegeliana entre espírito objetivo, que predominava nas sociedades pré-capitalistas, sendo composto de relações sociais, leis e o Estado, e espírito absoluto, sendo composto pela arte, filosofia e religião. E essas manifestações, nas sociedades capitalistas, se tornam instituições, como a religião comparada a exército, universidades, entre outras, sendo o Socialismo que iria superar o reinado econômico e predominaria os aspectos do espírito absoluto.

O Romantismo se divide entre uma nostalgia pelo passado e sonhos no futuro, assim, podem tomar formas reacionárias e conservadoras – reformista, restituidora –, propondo modelos de vida pré-capitalistas; ou revolucionárias e utópicas, esse que foi analisado, não propõe um retorno, mas enxergam no passado um desvio para o futuro, a nostalgia realística do passado que terminou contém a esperança de uma nova sociedade na pós-modernidade pós-capitalista. O aspecto “revolucionário” e a não absorção de todo o passado como correto é fundamental, pois se se exaltar totalmente o passado e buscar seu regresso, traz consigo formas de atrocidades, como escravidão e submissão feminina aos homens – de forma mais intensa que a atual.

O aspecto romântico que recusa o “progresso” da sociedade capitalista moderna e da mercantilização racionalizada do sistema industrial, a crítica pontual em fatores do passado e em projeções futuras – em consonância com a teoria e os elementos até aqui apresentados –, puderam ser encontrados no movimento de base estudantil de maio de 1968, na França, por exemplo. Contra os imperativos do sistema hegemônico se encontram o semblante da comunidade humana que exploram e destacam a criatividade e a arte, de caráter libertário e revolucionário.

4 A LIBERDADE E O ESPÍRITO ROMÂNTICO REVOLUCIONÁRIO PRESENTES EM 1968

As manifestações de 1968 na França não se iniciam por motivos econômicos, visto que ainda estavam na “época de ouro” (1945-1973), os anos gloriosos de ascensão do modo capitalista. Também

pelo papel determinante do espírito absoluto: por exemplo, a religião na era do início do cristianismo. Na era capitalista, em contraste, todas as forças sociais ativas existem apenas como manifestações do espírito objetivo (que é determinado pela base econômica): a religião se torna uma instituição social - a igreja - comparável ao estado, ao exército ou ao exército. a Universidade. O socialismo inaugurará um período em que mais uma vez o espírito absoluto - isto é, filosofia, cultura e ciência - reinará sobre a vida econômica e social.

não apenas disputavam hierarquias ou relações de poder nas instituições. Mas era percebida e compartilhada a tensão com os elementos da ordem e da normatividade. O conhecido panfleto distribuído “*Pourquoi des sociologues?*”⁹ é reflexo e resultado de contradições e críticas do apoio de sociólogos à modernização e a extrema racionalização da produção de bens de consumo de acordo com o capitalismo organizado, protestos contra guerras imperialistas, e a desconfiança no modelo soviético como reprodução de um sistema de produção e consumo capitalista ocidental. É também uma crítica a burocrático-tecnocracia como imperativo econômico-científico para o progresso industrial e necessidades militares, isso é, a tais categorias estavam sujeitas a ideologia do lucro e do progresso, e a revolução de inspirações românticas ocorria na ideologia oposta.

Por outro lado, os acontecimentos de maio de 68 não se limitam na negação, é uma manifestação da humanidade, na redescoberta da comunidade humana, portanto slogans irônicos e poéticos, nos quais a criatividade e o aspecto crítico eram predominantes, assim, uma noção utópica surgia numa revolução estudantil, livre de alienação e reificação da ideologia dominante. O conceito de utopia pode bem ser aplicado ao momento se aliado a contra modernidade e relacionado com o pensamento como pré-gerador de ação, no caso a própria revolução social e intelectual.

Portanto, é possível definir como uma revolta contra a sociedade capitalista moderna, ao exaltar valores sociais e culturais do passado, uma revolta contra o desencantamento moderno do mundo, contra o triunfo da mecanização, da reificação e da mercantilização.

Os movimentos estudantis com inspirações românticas de maio de 68 fizeram emergir, ou fortaleceram os já existentes, mais imponentes nas décadas recentes, movimentos sociais de mesma categoria, fundamentais na luta contra a ideologia do progresso industrial e exploratório, movimentos com caráter ecológico, principalmente o ecossocialismo, feminismo, entre outros. A “utopização” é parte de uma visão romântica como parte do processo libertário e revolucionário, os românticos, do século XX especificamente (*ibid*, p. 251):

[...] even those of the twentieth century, even those who, like Walter Benjamin, had an intuition of the abyss that was about to open up — could not foresee these catastrophes, but they were alone in perceiving the dangers inherent in the logic of modernity.¹⁰

⁹ Tradução própria do francês ao português: Por que os sociólogos?

¹⁰ Tradução própria do inglês ao português: [...] mesmo os do século XX, mesmo aqueles que, como Walter Benjamin, tinham uma intuição do abismo que estava prestes a se abrir - não podiam prever essas catástrofes, mas estavam sozinhos ao perceber os perigos inerentes à lógica da modernidade.

Mas qual o futuro do Romantismo como práxis revolucionária? Haverá Romantismo após a crise do COVID-19 gerada pelo neoliberalismo? Para responder às questões, é preciso reconhecer a atualidade, pois é evidente o processo que Weber e os marxistas estudaram está se concretizando, uma tecnocracia, um domínio da burocratização e do capitalismo e do ideal neoliberal nos mais diversos campos, do trabalho à cultura. Também é evidente que a crise do COVID-19, o coronavírus, se instalou de tal forma porque o sistema econômico-social atual permitiu, devido a sua estruturação durante décadas, mais especificamente a partir da década de 1970, criando crises estruturais, guerras, precarização da educação, sucateamento de instituições públicas, como a saúde, e informalidade no trabalho, mas ainda permanecendo o *status quo* da sociedade e flertando com regimes neofascistas e totalitários. Theodor Adorno escreveu certa vez sobre a dialética entre cultura e barbárie, que:

quanto mais totalitária for a sociedade, tanto mais reificado será também o espírito, e tanto mais paradoxal será o seu intento de escapar por si mesmo da reificação. Mesmo a mais extremada consciência do perigo corre o risco de degenerar em conversa fiada. A crítica cultural encontra-se diante do último estágio da dialética entre cultura e barbárie: escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas. (ADORNO, 1998, p. 26)

Concluindo que após a barbárie é impossível fazer arte. Pois bem, a impossibilidade da arte se instala com maior facilidade em sistemas autoritários e quanto mais reificados forem os sujeitos. Porém, também diz que (*ibid.*, p.26):

Enquanto o espírito crítico permanecer em si mesmo em uma contemplação auto-suficiente, não será capaz de enfrentar a reificação absoluta, que pressupõe o progresso do espírito como um de seus elementos, e que hoje se prepara para absorvê-lo inteiramente.

Aqui emerge um campo como possibilidade de saída após a crise atual, um campo que resistiu, e que sempre existirá, o campo, ou a esfera, da Arte. O sujeito que vivência a arte e a coloca dentro de si, reconhece e absorve uma ideologia humana, é um processo humanístico e de humanização. A Arte se realiza num processo único, assume o espaço da ideia e o da ação, diferentes enquanto realização, porém a ideia de arte já consiste em uma utopia, afinal utopia significa um não-lugar, assumir um caráter romântico revolucionário, isso é, correlacionam entre pensamento, ação e revolução:

[...] se, a posteriori, abre-se uma possibilidade de fluxo metabólico entre as esferas da estética e da ética; por conseguinte, o sujeito que sai engrandecido da experiência estética – um sujeito

potencialmente mais humano – poderá redirecionar suas práticas sociais, privilegiando a realização de possibilidades humanas mais autênticas, mais significativas, mais amplas e voltadas, assim, para os interesses humanos coletivos, predicados que corroboram à ideia de um mundo socialista. (GALLO, 2017, p. 95)

Portanto, é perceptível que a arte é utópica e revolucionária, é estritamente relacionada com a ética e a estética através de um movimento, ou efeito, catártico, e assim serve de instrumento para o rompimento de um momento na sociedade, e na reconstrução de um novo, como também faz ao sujeito. O efeito catártico age como aproximação conceitual da arte com a utopia, embora já intrinsecamente ligadas, na esfera das ideias. Catarse assume, formalmente, um caráter de purificação:

Catarse (Do gr. *Katharsis*, limpeza) 1. Para Aristóteles, efeito de “purificação” produzido sobre os espectadores por uma representação dramática. – 3. De modo geral, todo processo terapêutico que visa a obter uma situação de crise emocional, de tal forma que esta situação crítica provoque uma solução do problema que a crise evidencia. (LAROUSSE, 1999, p.206)

Lukács afirma que a essência estética do objeto se realiza em evocar vivências no sujeito através da mimesis. E ainda que a estética se faz como um reflexo, ou resultado, da realidade, portanto, o efeito catártico acontece na vida, acontece no efeito da dialética entre utopia (ideia) e revolução (ação). Para Lukács “cada catarse estética é um reflexo concentrado e conscientemente produzido de comoções cujo original pode sempre achar-se na vida mesma” (1966, p. 509).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utopia e distopia destoam quanto a sua forma de aplicação e ao espaço que ocupam no processo dialético materialista e histórico, pois o pensamento se realiza a partir da vivência humana, da sua produção histórica e sua produção material. Deve-se afastar-se de utopias “concretas” ou realizadas na existência física como a de Thomas More, uma utopia que embora se oponha a Europa da época, tende aos ideais de seus pensadores e juristas, na época, ainda marcados pelo pensamento católico cristão, sendo uma concepção imposta por uma ideologia, quase uma hegemonia, não pode ser utópica nos sentidos aqui estabelecidos.

Pode-se dizer que o movimento Romântico age contra o processo de reificação do indivíduo e das relações sociais, é revolucionário por conter em si a utopia e a práxis. A catarse, por sua vez,

atua como assimilação da realidade e reflexão romântica utópica para o retorno a realidade, age como um processo, ou caminho, de desfetichização. Se a revolução é de alguma forma possível, é inegável que seus agentes possuam uma orientação ética, gerada pelo pensamento utópico, direcionada aos interesses da coletividade, e a força humana como elemento principal da revolta. Assim, um processo de catarse permite que a arte se torne um instrumento na construção de sujeitos e, com isso, um instrumento revolucionário na construção de realidades.

Conclui-se que o fundamento do estudo é um rompimento da ideia de “utopia” proposto e convencionalmente aceito até o momento, é uma reformulação e uma re colocação de seu foco. A utopia se assume como eficiente não na manifestação da realidade, mas sim como método e como um processo interior que precede a ação, um estado mental que precede a revolta concreta, ou seja, a utopia não é a ação em si. Mas se encaixa num processo dialético entre consciência, abrangendo as esferas da ética e da estética, e praticada na realidade, a concepção da tese, antítese, retorno, se configura para utopia, pratica revolucionária, retorno às ideias, pois o mundo se faz continuamente, não sendo permitida a estática da realidade, ou seja, a realidade consiste na mudança, no rompimento com modelos anteriores quando o atual já se esgotou e está colapsando. A utopia concebida na realidade se torna distopia e está destinada ao fracasso e/ou à sistemas autoritários, que terminam por fracassar. O mundo não se faz somente entre tradição ou modernidade, pois o pensamento dialético permite ir além do pensamento binário entre o pré-capitalista e a modernidade neoliberal, o terceiro modo é uma outra perspectiva que direciona a uma nova cultura, uma nova comunidade, e essas novas formas que se constituem são completamente diferentes dos modelos pré-capitalistas por conter certos detalhes virtuosos da modernidade. Após a barbárie do progresso e da modernidade – com ressalvas em virtudes que surgiram no processo, mas sem esquecer sua face destruidora, genocida e exploratória –, a utopia e a arte, o espírito romântico como forma cultural, resistem e agem como parte de um processo de transformação. De acordo com Löwy (2001, p. 254-255):

This utopia has powerful roots in the present and in the past: in the present, because it draws on all the potentialities and contradictions of modernity to explode the system, and in the past, because it looks to premodern societies for concrete examples and tangible proofs of a qualitatively different mode of life, one distinct from (and in certain respects superior to) capitalist industrial civilization. Without nostalgia for the past there can be no dream of an authentic future.¹¹

¹¹ Tradução própria do inglês ao português: Essa utopia tem raízes poderosas no presente e no passado: no presente, porque se baseia em todas as potencialidades e contradições da modernidade para explodir o sistema, e no passado, porque procura nas sociedades pré-modernas exemplos concretos e provas tangíveis de um modo de vida qualitativamente diferente, distinto (e em certos aspectos superior à) civilização industrial capitalista. Sem nostalgia do passado, não pode haver sonho de um futuro autêntico.

Obviamente o tema utópico e o espírito do Romantismo não se encerram com esse debate, como a própria dialética demonstra, nada termina em si mesmo. Ou seja, há de se explorar em pesquisas futuras mais implicações da utopia como etapa do movimento dialético transformador e suas aplicações sociais no mundo impactado pela COVID-19 e em sua superação. Como Marx expõe na décima primeira tese sobre Feuerbach, os filósofos apenas interpretam o mundo, o que importa é transformá-lo. Dessa forma, ainda de acordo com o sociólogo franco-brasileiro, *utopia will be Romantic or it will not be*.¹²

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Prismas: crítica cultura e sociedade*. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- BERRIEL, Carlos. *Marx: a utopia como ética da revolução*. Campinas – UNICAMP/ revista *Morus – Utopia e Renascimento*. 2017, Volume 12. Disponível em: <http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/316>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- COLI, Jorge. Comprender el romanticismo y a política desde un análisis comparativo. *Revista colombiana de pensamiento estético e historia del arte*. Dossier Iconografía y Comparatismo. Julio-diciembre de 2018/enero-junio de 2019, Edición 8-9. Disponível em: <https://cienciashumanasyeconomicas.medellin.unal.edu.co/revista-de-estetica.html>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- LAROUSSE CULTURAL. *Grande dicionário Larousse Cultural da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- GALLO, Renata Altenfelder Garcia. *A Arte, utopia e revolução*. Campinas – UNICAMP/ revista *Morus – Utopia e Renascimento*, 2017, volume 12. Disponível em: <http://www.revistamorus.com.br/index.php/morus/article/view/318>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- LÖWY, Michael. *O romantismo revolucionário de Maio de 1968*. Boitempo, São Paulo, 25/05/2018. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/05/25/michael-lowy-o-romantismo-revolucionario-de-maio-de-1968/>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Romanticism Against the Tide of Modernity*. Durham/ London: Duke University Press. 2001.
- LUKÁCS, György. *Estética*. Problemas de la mimesis. Volume II. Barcelona: Grijalbo, 1966.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Editora Boitempo editorial, 2007.
- MORUS, Thomas. *Utopia*. Versão para eBook, 2001. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/utopia.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2021.

¹² Tradução própria do inglês ao português: utopia será Romântica ou não será.

PASSERINI, Luisa. *'Utopia' and Desire*. Thesis Eleven, First Published February 1, 2002.
Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0725513602068001002>. Acesso em: 22 jun. 2021.

WEBER, Max. *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 7. ed., 2003.